

O QUE DEVEMOS SABER – A NAVALHA DE OCKHAM

Clayton Reis

“A navalha de Ockham encontra expressão no conselho do arquiteto MIESVAN DER ROHE de que *“o menos é mais”*; na instrução do cientista da computação BJARNE STROUSTRUP para *“tornar simples as tarefas simples”*; e nestas observações do escritor e aviador SAINT-EXUPEY: *“parece que que a perfeição é alcançada não quando não resta mais nada a acrescentar, mas quando não resta nada a ser acrescentado”*. (A Navalha de Ockham, Johnjoe McFadden, nota de introdução).

“É inútil fazer com mais aquilo que pode ser feito com menos” Guilherme de Ockham.

“A natureza é a realização das ideias matemáticas concebíveis da maneira mais simples”. Albert Einstein, 1933.

SUMÁRIO: 1. Considerações iniciais; 2. Noções fundamentais do conhecimento; 3. O que é importante no saber; 4. O processo seletivo do saber; 5. O que convém saber; 6. Como se deve aplicar a navalha de Ockham; 7. O saber e a sabedoria no conhecimento; 8. Considerações finais. Referências.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O saber é a medida de todas as coisas que significa o conhecimento em geral, de uma pessoa, objeto ou coisa. É através do saber dos fenômenos que ocorrem no mundo físico, que o homem consegue se proteger da diversidade dos

Clayton Reis

Pós-doutor em Direito pela Universidade Central de Lisboa. Doutor e Mestre em Direito Negocial pela UFPR. Especialista em Responsabilidade Civil pela UEM. Juiz de Direito Substituto em Segundo Grau aposentado do TJPR. Professor Adjunto IV aposentado da UEM. Membro permanente do PPGD em Direito Empresarial do ANIMA EDUCAÇÃO UNICURITIBA. Professor Adjunto da Faculdade de Direito da Universidade Tuiuti do Paraná. Professor da Escola da Magistratura do Paraná. Autor de vários livros sobre Danos Morais e Direitos da Personalidade. Parecerista e Advogado no escritório Reisealberge.com.br, em Curitiba, Estado do Paraná.

fenômenos naturais que colocavam em risco sua integridade e o mantinha prisioneiro dos fenômenos ambientais¹. Mas, certamente que o processo de libertação mais significativo foi o conhecimento metafísico, que permitiu sua emancipação cultural e espiritual em relação à dogmas, preconceitos e lendas. O saber assegurou ao ser humano o conhecimento dos diferentes fenômenos presentes nos domínios ao seu alcance, que lhe permitiram o domínio no ambiente relacional. Segundo assinala Karl R. Popper², *conhecimento é busca da verdade - a busca de teorias explanatórias, objetivamente verdadeiras*. No entanto, o excesso de saber conferiu-lhe igualmente uma verdadeira desordem metafísica, porque propiciaram o surgimento de condutas antagônicas que, em razão da sua polarização, geraram comportamentos de conflitos em grande escala. Solon dizia, *leva a sério as coisas mais importantes, não mais além*.

Nessa linha intelectual, há na modernidade um conseqüente conflito entre o saber e o seu excesso. Afinal, a validade do conhecimento reside basicamente na sua aplicação prática, voltado para construir uma sociedade sedimentada em valores éticos, com o propósito de contribuir para a transformação da pessoa que esteja entropicamente envolvida com o princípio da empatia – uma pessoa humanizada, consciente da sua responsabilidade social. Para essa tarefa, tornou-se necessário a revisão e a adequação ao que sabemos, com o propósito de empregar o saber na direção de um mundo onde predomine a tolerância e a ampla compreensão do nosso melhor modo de viver. Dietrich Schwanitz³ sinaliza que, *somente é culto aquele que consegue ordenar o seu próprio saber*.

Assim, torna-se necessário avaliar a extensão das nossas medidas ou saber até onde elas se tornam necessárias. É imperioso adquirir consciência de nossos limites, como se Tomás de Aquino dissesse, **até aqui e não mais...** A expressão foi utilizada por Richard Tarnas⁴, ao atribuir *status* doutrinário a certas inovações presentes no

1 Erich Fromm, em seu livro, *Ter ou Ser?* tradução de Nathanael C. Caixeiro, Rio de Janeiro, Editora LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1987, p.23, assinala que, “Certamente, nossa civilização começou quando a espécie humana assumiu o domínio ativo da natureza; mas aquele domínio permaneceu limitado até o advento da era industrial, com o progresso industrial, mediante substituição da energia humana e animal pela energia mecânica e depois nuclear, com a substituição da mente humana pelo computador, podíamos perceber que estávamos a caminho de produção ilimitada, e, por conseguinte, de consumo ilimitado; que a técnica nos tornou onipotentes; que a ciência nos fez oniscientes”.

2 POPPER, Karl R., *Em Busca de um Mundo Melhor*, tradução de Milton Camargo Mota, São Paulo, Editora Martins, 2006, p. 14.

3 SCHWANITZ, Dietrich, *Cultura Geral – O que se Deve Saber*. São Paulo, Editor Martins Fontes, 2007, p. 453.

4 TARNAS, Richard, *A Epopeia do Pensamento Ocidental – para compreender as ideias que*

universo do conhecimento.

Não basta saber, sem termos noção do que fazer com o que sabemos. Será importante ampliarmos nosso conhecimento, para que ele forneça elementos, para lapidar nossa real consciência da existência e da relação com o próximo. Isto porque, segundo Kant⁵, *a sabedoria consiste na concordância da vontade de um ser com o seu objetivo final*. A questão essencial da nossa existência reside basicamente na exata compreensão do conhecimento dos fatos e das pessoas que nos envolvem, considerando que o melhor ou pior desempenho de nossos atos estarão conectados com nossa (in)capacidade de conhecer e se conectar com a adversidade. Na tradição platônica, Aristóteles recomendava a observação do mundo físico⁶. Ao final para que servirá tanto conhecimento, se não for destinado a e estabelecer uma ponte de conexão entre os seres humanos? Johnjoe MacFadden afirma *que a navalha de Ockham é o sustentáculo do mundo moderno*, na direção de um mundo mais simples e comunicativo.

No transato da história, o ser humano percorreu um imenso espaço de tempo para compreender a mecânica do sistema solar. Entre a concepção do geocentrismo ao heliocentrismo, o homem transitou por um imenso espaço temporal até o momento em que Copérnico e Galileo desvendaram parte significativa do universo, mediante estudos matemáticos sobre a mecânica celeste.

Na contemporaneidade investiga-se os mais instigantes mistérios, antes imperceptíveis, para conhecer e explicar as estruturas das incontáveis galáxias presentes no cosmo, que estão sendo conhecidas através de precisas visualizações realizadas pelo telescópio James Web. As modernas tecnologias estão a serviço do homem, para descortinar os indecifráveis e sem precedentes fenômenos, que almejamos conhecer e explicar. Sem dúvida que o conhecimento de novas realidades, haverão de propiciar ao homem uma ampliação das suas razões existenciais, presentes no universo dinâmico e dimensionável, que se encontra imensamente distante das nossas ainda precárias condições de compreensão dos processos e princípios que os regem.

As novas realidades extradimensionais se apresentam ao homem, como um

.....
moldaram nossa visão de mundo, tradução de Beatriz Sidou, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1999, p. 223,

5 ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de Filosofia, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2007, p. 1021.

6 Segundo Richard Tarnas, op. cit., p. 223, "As exaustivas discussões críticas dos escolásticos sobre Aristóteles e suas – em geral argutas – propostas de hipóteses alternativas forjavam um novo espírito intelectual, cada vez mais perceptivo, cético e aberto à mudança fundamental. As investigações criavam um clima intelectual que não apenas estimulava uma visão mais empírica, mecanicista e quantitativa da natureza, mas com o tempo viria a aceitar mais facilmente a radical mudança de perspectiva necessária para a concepção de uma Terra em movimento".

desafio que o instiga para desvendar o desconhecido, com o propósito de descortinar novos horizontes presentes nas relações entre o ser pensante e o universo. Diante dessa ordem de saberes, ao nos debruçarmos perante essa incomensurável e infinita extensão do universo, conscientizamo-nos da nossa insignificância frente à dimensão cósmica com a qual deparamos. Na presença dessas realidades instigantes, o homem indaga – para que tanto conhecimento se ele não for aplicado para resolver nossos problemas existenciais – *de onde viemos, para onde vamos e o que somos?* Qual a solução desejável para o saber, senão para contribuir ao nosso aperfeiçoamento ambiental social, em que possa imperar o primado da alteridade? Caso contrário, ele certamente será inútil!

Segundo proclama Leon Denis⁷, “É preciso dispor os Espíritos para os reclamos, os combates da vida presente e das vidas ulteriores; é necessário, sobretudo, ensinar o ser humano a conhecer-se, a desenvolver, sob o ponto de vista dos seus fins, as forças latentes que nele dormem”. Essa advertência, presente no mundo contemporâneo, revela uma realidade inescandível, diante dos quadros de conflitos beligerantes que se instauram e se multiplicam na atualidade. O homem moderno não conseguiu através do seu imenso conhecimento acumulado durante milênios, e mesmo através dos incedíveis esforços realizados por diversas organizações internacionais, conquistar a instauração da paz duradoura, e despertar no íntimo dos homens a sua espiritualidade em estado latente. As forças concentradas no poder do ter, são mais fortes do que aquelas que comandam o ser da pessoa humana. E, através desse processo, o ser humano materializa sua existência, tornando-a um repositório de bens transitórios e efêmeros.

2. NOÇÕES FUNDAMENTAIS DO CONHECIMENTO

A teoria do conhecimento ou gnosiologia, revela um ato de estabelecer uma relação entre seres ou objetos cognoscíveis, com o propósito de desvendar sua essência. Pontes de Miranda⁸ proclama que, “*o gnoseólogo tem de pôr-se ao nível do fisiólogo que procura a explicação da nutrição e da respiração*”. Galileo Galilei se debruçou na pesquisa do movimento dos planetas, para comprovar através das suas deduções

7 DENIS, Leon, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, Rio de Janeiro, Federação Espirita Brasileira, 2008, p.11.

8 MIRANDA, Pontes de, O Problema Fundamental do Conhecimento, Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 1937, p. 17.

matemáticas o heliocentrismo, contrariando os dogmas do geocentrismo.

As evidências dos fatos em sua maioria estão correlacionadas com a razão e a verdade científica. “*Nicolau de Cusa diz explicitamente que o intelecto não entende se não assimila ao que deve entender*”, assinala Nicola Abbagnano⁹. Nesse caso, considera-se que o observador se vale dos seus sentidos, cujo nível de percepção é relativo tendo em vista a falibilidade do processo de interpretação humana, nem sempre idôneos, diante de razões duvidosas e da intervenção de preconceitos ou das inexatas deduções do fato científico¹⁰. O nosso entendimento acerca dos fatos e fenômenos naturais, sempre pecou pela falibilidade, em razão das nossas precárias condições cognitivas¹¹.

Por outro lado, deve-se considerar a precariedade dos nossos instrumentos para medir e avaliar as leis físicas que regem nosso universo. O rigor da ciência, diferente dos fatos dedutivos, se torna notório em razão de que o fato científico se revela através do princípio lógico, irrefutável e diante do princípio da imutabilidade. A evidência científica da Lei de Lavoisier, através do seu enunciado, *de que na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma*, é um fato rígido, ditado pelas leis da natureza que não se alteram. Na mesma linha, a evidência da terceira lei de Newton, *de que matéria atrai matéria, na razão direta de suas massas e na razão inversa do quadrado de suas distâncias* revela, na mesma direção, uma lei universal imutável que rege a força de atração presentes nos corpos físicos celestes.

A despeito do extraordinário avanço científico e tecnológico da sociedade moderna nos últimos 100 anos, nossos instrumentos para conhecer e medir os fenômenos, particularmente físicos e químicos dentre outros, são ainda extremamente precários. Eles apenas nos indicam que estamos no limiar da comprovação de fatos científicos extremamente complexos, que desafiam nossa inteligência e nos remetem às fronteiras de saberes desconhecidos, que serão desvendados na medida do desenvolvimento da percepção multidimensional do universo físico e metafísico.

9 ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de filosofia, São Paulo, Editora Martins Fonte, 2007, p. 207.

10 Na ótica de Pontes de Miranda, em sua obra citada, página 17, “Há no conhecer uma relação entre seres, na qual um se faz sujeito e ao outro objeto, de modo que o método de uma investigação gnosiológica rigorosamente científica exige que se desça à relação entre os dois seres (cognoscente, conhecido), sem a prefixação (*subobiectus*) que um dos termos juntou a si ao outro”.

11 Segundo Karl R. Popper, em sua obra citada, p. 59, “Essa posição epistemológica extremamente original de Kant foi designada por ele próprio como a Revolução Copernicana na teoria do conhecimento. A ciência de Newton era, segundo Kant, conhecimento no sentido clássico: o conhecimento verdadeiro, seguro e suficientemente fundamentado. E esse conhecimento era possível porque a própria experiência humana era o produto do processamento ativo e da interpretação de nossos dados dos sentidos por nosso aparato cognitivo, especialmente por nosso entendimento”.

Assim, estamos no limiar de conhecimentos que irão desvendar os buracos negros ou as novas partículas subatômicas, como os bósons, que foram identificadas através das experimentações realizadas pelo ciclotron ou no LHC do CERN, nas fronteiras da Suíça e França¹². Somos ainda, prisioneiros de um mundo tridimensional e, portanto, sem acesso ao conhecimento de mundos quadrimensionais ou outras diversas outras dimensões presentes no universo, que não se encontram ao alcance de nossas precárias condições de conhecimento. A advertência de Karl R. Popper é verdadeira quando afirma, “A meta da ciência é, portanto, a verdade. *A ciência é a busca da verdade. E se nós também, tal como Xenófanes, jamais podemos saber se atingirmos essa meta, podemos, entretanto, ter bons motivos para supor que chegamos mais perto de nossa meta, a verdade; ou, como diz Einstein, que estamos no caminho certo*”. Uma realidade inescandível de que principiamos o desvendamento, através do fato científico e do desenvolvimento de nossa inteligência livre de dogmas e preconceitos, os infinitos fenômenos insertos nos seres humanos e no cosmo - dois universos sem fronteiras.

3. O QUE É IMPORTANTE NO SABER

O que realmente é significativo no conhecimento, é que ele contribua para conhecer e explicar os fatos circundantes, para podermos realizar as melhores alternativas, diante dos complexos propósitos presentes no processo evolutivo do ser humano. O ato de proceder escolhas revela um procedimento de consciência das realidades que a vida apresenta ao homem. Não existe o acaso. Todos os fenômenos que ocorrem no universo decorrem de causas primárias, que resultam em diversidade de efeitos nas distintas situações em que foram gerados. Lavoisier enunciou a lei que,

12 Segundo notícia publicada no Jornal da USP, editado em 26.08.2019, através de Luiza Caires, Editora de Ciências, relata que: “O **Jornal da USP** esteve nas instalações do LHC no Cern, a Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear, na fronteira de Suíça e França, onde mais de 10 mil cientistas continuam a procurar respostas e fazer novas perguntas. Um esforço de centenas de universidades e instituições de pesquisa ao redor do globo, a USP incluída, para levar o ser humano a conhecer aspectos mais íntimos e fundamentais da natureza. E que, de quebra, faz o conhecimento e a tecnologia avançarem em muitas frentes. Talvez o mais famoso exemplo disso seja a criação da World Wide Web (WWW) em 1989. O cientista britânico Tim Berners-Lee a inventou enquanto trabalhava no Cern para compartilhar informações com mais eficiência entre pesquisadores de todo o mundo”. No mesmo artigo publicado, Luiza Caires aponta que, **“talvez a ciência seja o único idioma em que respostas não terminem em ponto final. Com sorte, podem vir reticências. Mas, na maioria das vezes, o que vem em seguida é mais ponto de interrogação dizendo que “não acabou aí** (destaque do autor). É por isso que a identificação do bóson de Higgs – apelidado de “partícula de Deus” e confirmado em 2013 – passa muito longe de ser o ponto final da física de partículas. E se o principal combustível do LHC, o Grande Colisor de Hádrons, é a curiosidade humana, perguntas não faltam para uma vida longa deste grandioso empreendimento científico, que agora passa por uma atualização tecnológica”.

na natureza nada se perde nada se cria, tudo se transforma. Por seu turno, Isac Newton ao interpretar a lei da atração enunciou que, ***matéria atrai matéria na razão direta de suas massas e na razão inversa do quadrado das suas distâncias.*** E, Albert Einstein ao desenvolver a teoria da relatividade enunciou igualmente que, ***energia é igual ao produto da massa com o quadrado da velocidade da luz.***

Todos esses princípios fundamentais, decorreram do conhecimento das leis que regem a matéria no cosmo. O resultado dessas interpretações, foram imensas na medida que propiciaram resultados de grandes significados para a humanidade. A exploração do espaço sideral, a descoberta das incomensuráveis energias presentes na matéria e, o conhecimento da estrutura química das substâncias, concedeu ao homem o poder de desvendar e aplicar seus conhecimentos no desenvolvimento de tecnologias valiosas para o bem-estar e a segurança da humanidade. Descerraram-se novas realidades para o ser humano em seu ambiente material e metafísico

Afinal, o homem nasceu para ser feliz. Jean Vanier¹³ proclama que, *“Todos nós buscamos o prazer como meio de escapar das dificuldades da nossa existência. Não suportamos conflito, solidão. Os obstáculos da vida, em especial aqueles ligados aos relacionamentos. Procuramos pelo remédio do prazer instantâneo, que, ao gratificar nossa afetividade, nos ergue por alguns instantes de nossa tristeza”*. Assim, de maneira aparentemente simplista e, na concepção do autor citado, a ética de Aristóteles requer que trabalhemos em nós mesmos. Uma ressignificação dos imensos potenciais que se encontram latentes em nossa intimidade. Descobrir o significado da existência é oferecer ao homem as razões da sua vida corporal e espiritual, questionando a sua finitude ou infinitude, certamente poderá alterar o seu modo de viver e de compreender sua verdadeira finalidade existencial.

Nesse processo, o que nos falta é humanidade. E, nesse sentido Rudolf Eucken¹⁴, prêmio Nobel de Literatura em 1908, ensina que, *“O aperfeiçoamento dum caráter espiritual é a primeira das condições para entreabrir a possibilidade de nos elevarmos acima da com fusão da vida civilizada ordinária, de distinguirmos a verdadeira cultura espiritual da civilização puramente humana e de empreendermos uma luta enérgica contra toda pseudocivilização”*. Estamos perdendo, dia a dia, a nossa capacidade de compreender e relacionar com o outro em sua diversidade. Vivemos na atualidade, um

13 VANIER, Jean, Aristóteles para quem busca a Felicidade – A Resposta da filosofia para aquilo que todos nós buscamos, traduzido para o português por Sally Tileilli, São Paulo, Editora Gente, p.63.

14 EUCKEN, Rudolf, O Sentido e o Valor da Vida, tradução de João Tavora, Rio de Janeiro, Editora Delta, 1962, p. 142.

verdadeiro processo de desumanização. Em decorrência dessa realidade, perdendo nosso potencial de entendimento, que dependem essencialmente da capacidade de perceber e abrir caminhos na direção entrópica da nossa alteridade. Tornamo-nos prisioneiros de atos impensados na relação com o próximo, ou seja, o outro é adversário e devemos nos preparar para responder aos ataques que serão realizados. Mas, na realidade, o outro com a suas diferenças é o caminho que nos cabe compreender e aceitar. Afinal, a sociedade somente existe na relação feliz e tolerante, porque o homem é um animal social por excelência, que prima pela diversidade e algumas vezes pela excentricidade.

Na ótica de Jean Vernier¹⁵, “Rapidamente percebi que o Evangelho e a espiritualidade cristã podiam ser separados no pensamento humano, filosófico e ético. A espiritualidade não é algo que funciona destituída de um corpo, ela está enraizada no que é humano”. Como ser humano, sem humanidade? É impossível dissociar nossa capacidade de viver em harmonia no ambiente social, sem utilizar os instrumentos que estão ao nosso dispor para aceitar a diferença do outro. O segredo para viver bem, certamente não é o enfrentamento, mas a aceitação do próximo presente na capacidade de compreender. É nessa direção que funciona nosso desejo de viver bem, em paz com o próximo. Léon Denis¹⁶ nos diz que, “Será necessário descer até o fundo do pélagos das misérias públicas, para ver o erro cometido e compreender que se deve buscar, acima de tudo, o raio que esclareça a grande marcha humana em sua estrada sinuosa, através dos precipícios e das rochas que desabam”.

Iniciamos o ano de 2024 diante de dois prováveis conflitos bélicos, entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul; da Venezuela com a Guiana, bem com o recente conflito bélico entre o Irã e o Paquistão. E, em 2023 os conflitos entre Israel e os Palestinos e o grupo Hamas, bem como, entre a Ucrânia e a Rússia, produziram imensas e dolorosas perdas humanas e patrimoniais. A errônea expressão do general romano Publius Flavio Vegetius – *Igitur qui desiderato pacem, praeparet bellum* (**se quiseres a paz prepara-te para a guerra**), não nos parece compatível em épocas de profundos conhecimentos, que nos abrem portas para a construção de pontes de entendimento, sem a necessidade da destruição de perdas humanas e patrimoniais.

Todavia, o espírito beligerante arde ardentemente no íntimo dos seres humanos. Não fomos ainda capazes de perceber que na guerra não há vencedores

15 VANIER, Jean, op. cit., p. 15.

16 DENIS, Leon, O Grande Enigma, 16ª edição, Brasília, FEB, 2021, p. 9.

sem perdas patrimoniais e humanas, seguida de profundo sofrimento do ser humano e, igualmente, acompanhada de imensas perdas financeiras dos Estados beligerantes.

Seria muito bem aceita a expressão, ***se queres a paz, prepara-te para a conciliação e o entendimento nos conflitos com o próximo***. Devemos reconhecer os inauditos esforços realizados por diversas organizações mundiais, para conseguir a solução pacífica dos conflitos, presentes na sociedade beligerante. E, quando não ocorrem, eles são os testemunhos na nossa incapacidade de humanizar o ser humano. O sofrimento indizível do homem é o resultado presente diante desta triste realidade. E, procurar reverter esse quadro restaria invocar a célebre frase inscrita na pintura de Paul Gauguin (ano de 1897-1898) – ***de onde viemos, o que somos e para onde vamos?*** A significativa indagação revela um questionamento que nos conduz a reflexão sobre nossas origens e nossa realidade existencial diante dos destinos de nossas vidas.

Ora, bem o sabemos, que não somos prisioneiros do destino. Nossas vidas são consequências de escolhas deliberadas dos projetos e execução deles. O ser humano é o arquiteto da sua programação existencial, em razão da sua capacidade de edificar, através da sua inteligência pessoal para forjar seu destino. Na expressão de Leon Denis¹⁷, “Tudo está escrito no fundo da alma em caracteres misteriosos: o passado, de onde emergirmos e devemos aprender a sondar; o futuro, para o qual envolvemos, futuro que nós mesmos, edificaremos qual monumento maravilhoso, feito de pensamentos elevados, de nobres ações, de devotamento e de sacrifícios”.

O poder de edificação desses projetos é personalíssimo e, portanto, dependem exclusivamente das imensas capacidades presentes em nossa intimidade, de materializar através de ações nossos desejos. A execução desse propósito existencial, se encontra associada à nossa capacidade de simplificar nossos projetos, para não nos perdemos na complexidade de reflexões e nas dificuldades interpretativas dos problemas presentes em todas as elocubrações¹⁸. Karl R. Popper¹⁹ nessa linha de reflexão ensina-nos que, “Como filósofo, não estou interessado em dúvidas e incertezas, porque esses são estados subjetivos e porque, há muito, abandonei a busca pela certeza subjetiva por considerá-la supérflua. **O que me interessa são os fundamentos racionais críticos**

17 DENIS, Leon, op. cit., p. 30.

18 Segundo Nicola Abbagnano, em seu Dicionário de Filosofia, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2002, p. 1071, “Por simplicidade, como característica das hipóteses ou das teorias científicas, entende-se exigência de economia (v) a que devem obedecer (v. também Teoria). De modo a correspondente, por simplificação entende-se todo procedimento a tornar econômica a conceituação ou a teorização, ou seja, qualquer procedimento que reduza o número ou a complexidade dos conceitos empregados”.

19 POPPER, Karl R., op. cit., p. 18.

objetivos que mostram por que preferir uma teoria a outra na busca pela verdade (destaque do autor) E, certamente nenhum crítico moderno disse algo semelhante antes de mim”. O que deve nos interessar são os fundamentos racionais objetivos na construção da solução dos nossos problemas, ao invés de nos debruçarmos em profundas indagações filosóficas subjetivas que não nos conduzem a um resultado claro e objetivo.

Richard Tarnas²⁰ destaca que, “Tantas vezes e com tal força Ockham utilizou o princípio filosófico que dizia **que as entidades não se multiplicam além da necessidade** (destaque do autor) (*non sunt multiplicanda entia praeter necessitatem*), que o princípio veio a ser conhecido como “a navalha de Okcham”. *Por isso, segundo Ockham, as universalidades só existem na mente humana, não na realidade*”. Portanto, a simplicidade parece ser o caminho correto e adequado para o equacionamento das nossas complexas indagações, relacionadas com nossa existência e destino.

4. O PROCESSO SELETIVO DO SABER

O processo seletivo do saber reside na autonomia do procedimento de eleger o caminho mais seguro e objetivamente mais simples às soluções dos problemas que nos afligem. Cumpre a cada um desenvolver sistema de soluções simplificadas, ao invés de se debruçar em questões complexas que teorizam prováveis alternativas de resultados imediatos. Johnjoe MacFadden²¹, em nota introdutória da sua obra aponta que, “Em engenharia, essa ideia é mais conhecida pela sigla KISS de “*Keep it simple, Stupid*” (**Simplifique, idiota**), um princípio de design adotado pela Marinha dos Estados Unidos na década de 1960, hoje reconhecido universalmente. A navalha de Ockham é o sustentáculo do mundo moderno”.

As soluções simplistas se tornam objetivamente precisas na obtenção de um resultado mais imediato, porque não se detém nas formulações de equações complexas que exigem maior esforço e perda substancial de tempo na obtenção do resultado. O livro de Richard Carlson, publicado sobre o tema. “*Não faça tempestade em copo d’água – e tudo na vida são copos de águas*” revela uma forma procedimental

20 TARNAS, Richard, A Epopeia do Pensamento Ocidental – Para compreender as ideais que moldaram nossa visão de mundo, tradução de Beatriz Sidou, Rio de Janeiro, Editora Bertand, 1999, p.226.

21 MACFADDEN, johnjoe, A Navalha de Ockham – o princípio Filosófico que libertou a ciência e ajudou a explicar o universo, Tradução de George Schlesinger, 1ª edição, Rio de Janeiro, 2022, nota introdutória.

das pessoas de converterem problemas em tormentas. Através dessa obra o autor identifica a realidade da vida de inúmeras pessoas, que transformam seus pequenos e simples problemas cotidianos, em verdadeiras e estressantes catástrofes. Nessa ordem de ideias Johnjoe Macfadden²² proclama que, *“Todavia, com um golpe da sua navalha, Guilherme se desfez do emaranhado de entidades que atravancavam a filosofia e a ciência do mundo medieval, e o mundo subitamente se tornou muito mais simples e bem mais compreensível. Por outro lado, embora reconhecessem a virtude da simplicidade, Aristóteles, Ptolomeu, Aquino e outros ficavam contentes em adicionar complexidade sempre que lhes fossem convenientes”*.

A navalha de Ockham possibilitou a implantação de um sistema de interpretações dentro de um plano e linha de simplicidade, de forma a contribuir para solução mais rápida, dentro de um esquema que implica na adoção do princípio da parcimônia. Restaria saber por que motivo temos o hábito de, ao invés de adotar a simplicidade nas reflexões que realizamos, escolhemos procedimentos complexos e intrincados? Parece-nos, salvo melhor e maior juízo, que essa atividade cognitiva está associada a linguagens complexas que exigem maior aprofundamento cultural, com o propósito de fazer do pensamento um processo altamente seletivo, que se encontram ao exclusivo alcance dos mais cultos e mais sábios do conhecimento.

Assim, a humanidade desenvolveu no transato da sua história, uma classe de pessoas altamente seletivas, a exemplo do que ocorreu durante a construção do pensamento humano, em que o saber era privilégio de uma casta de pessoas cultas. É inequívoco que os homens são diferentes. Mas devem se tornar iguais, na medida da evolução da sociedade e da cultura social, para que seja rompida a barreira que nos tornam distantes uns dos outros. Para os homens iguais, não há barreiras no exercício da alteridade. A verdadeira e autêntica filosofia cristã apregoa o princípio da igualdade, que se revelou relevante como lema que norteou a Revolução francesa de 1789 – **liberdade, igualdade e fraternidade**. Este lema, com origem nos princípios constantes no Contrato Social de Jean Jacques Rousseau (1728-1778) fundado na ideia de **que o homem nasceu livre e por toda a parte se vê agrilhado**, segundo Macfadden merece reflexão, para se instaurar o princípio de uma igualdade humanizada.

Segundo anota Johnjoe Macfadden²³, “para o autor, a simplicidade está para a ciência, como os números para a matemática e as notas para a música. *Se é assim,*

22 MCFADDEN, Johnjoe, op. cit., p.59.

23 MACFADDEN, Johnjoe, op. cit., em nota de capa do seu livro.

só o futuro dirá quantas maravilhas ainda poderá revelar – em todos os campos do conhecimento”. Afinal, tudo na natureza depende da simplicidade ou de uma base essencial para se converter em complexidade – as substâncias são formadas por átomos unitários, as galáxias por aglomerados de sistemas planetários, as sociedades humanas por indivíduos. Em tudo, o princípio gerador é a unidade, que sintetiza o primado da simplicidade. Na verdade, se trata de um princípio da economia.

Nicola Abbagnano²⁴ ensina que, “Mas, ao menos no que diz respeito às totalidades finitas, a melhor ordem é a que produz o resultado máximo com o esforço mínimo, de tal modo que mesmo a lei do menor esforço foi entendida na história da filosofia como *princípio da economia*”. Poder-se-á concluir que se aplica a essas situações a lei do menor dispêndio de energias, ou seja, porque precisamos gastar mais ou menos energia além do mínimo necessário, para a realização de um projeto ou uma atividade vital²⁵?

Essa abertura interpretativa de Ockham revolucionou o mundo no período da sua existência, intensamente dominado pelo complexo, enigmático e dogmático pensamento religioso. Um verdadeiro poder do domínio, que estava ao alcance de uma classe altamente intelectualizada, com habilidades capazes de conduzir governo e governantes aos interesses desse seleto grupo. Johnjoe Mcfadden²⁶ pontifica que, “A extraordinária generalidade do princípio da mínima ação e da sua capacidade de fornecer tantas leis “fundamentais” sugerem que seja um princípio muito profundo que, segundo a física sul-africana Jennifer Coppersmith mostra que habitamos um “universo preguiçoso²⁷”. Certamente que não podemos comparar este princípio com

24 ABBAGNANO, Nicola, op. cit., p. 350.

25 Segundo nos relata Nicola Abbagnano, em sua obra citada, p. 351, “Pode-se dizer que o princípio de economia é expresso pela primeira vez por Ockham no século XIV com as fórmulas “*Pluralitas non est ponenda sine necessitate*” e “*Frusta fit per plura quod potest fieri per pauciora*”. Ockham utilizou constantemente este princípio para eliminar muitas das entidades admitidas pela escolástica tradicional; por exemplo, a *specie*, sensível ou inteligível, como intermediária do conhecimento. Mais tarde, com o nome de navalha de Ockham, esse princípio foi expresso com a fórmula “*Entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*”, forma que se encontra a partir da lógica *vetus et nova* (1654) de Clauberg. Kant refere-se a esse princípio como expressão da exigência de buscar na natureza (ou melhor, de realizar através do seu conhecimento) a máxima unidade e simplicidade possíveis”.

26 MCFADDEN, Johnson, op. cit., p. 321.

27 De acordo com o ensinamento de Johnjoe Mcfadden, em sua obra citada, p. 321, “A história foi mais gentil com Maupertius e geralmente é creditada a ele a descoberta do princípio da mínima ação, um dos mais profundos da ciência. Assim, como a velocidade da luz é a mesma para todos os observadores, o princípio de Maupertuis não é predito por nenhuma lei mais fundamental, mas em vez disso, parece ser parte do leito rochoso do nosso Universo. **É a navalha de Ockham forte insistindo que, para o Universo, a ação não deve ser multiplicada além da necessidade**”. (Destaque do autor).

a lei do menor esforço. Mas, sim com a possibilidade inteligente de produzirmos o mesmo resultado da forma mais simples e singelas. Como restou assinalado, o maior exemplo se encontra presente na natureza. Eugene Wigner (1902-1995), físico prêmio Nobel, afirmou que “na realidade, Wigner dá um argumento semelhante em seu ensaio quando afirma que os matemáticos buscam sempre descobrir teoremas que “apelem para nosso senso estético tanto como operações quanto aos seus resultados de grande generalidade e simplicidade²⁸”. Assim, a busca da singeleza se afigura como o caminho mais seguro, com menos esforço intelectual para alcançar resultados que almejamos em nossa existência física e metafísica de escolhas. Se todos os caminhos nos conduzem a Roma, certamente o mais curto será o menos dispendioso para atingir o objetivo.

6. COMO SE DEVE APLICAR A NAVALHA DE OCKHAM

A explicação dos múltiplos fenômenos que ocorrem na natureza somente poderão ser compreendidos, se partirmos da unidade que foram a origem da sua formação. Os efeitos resultantes do DNA, dependem do profundo estudo das diversas cadeias, formadas através da atração de unidades de átomos diferentes, que compõem sua complexa estrutura. Sem conhecer a mecânica dinâmica e a função dos diferentes átomos que integram a cadeia do DNA, teremos dificuldades para compreender os armazenamentos das informações presentes no código genético dos seres vivos.

Há hoje, diante da complexidade na vida moderna, um entendimento de que o melhor caminho seja aquele indicado por Descartes, citado no texto por Antônio Damásio²⁹, “É possível, mas não podemos saber ao que recorria com frequência: **“Bene qui latuit, bene vixit”** (aquele que se escondeu bem viveu bem) de Tristia, 3.4,25, de Ovidio. Uma renúncia discreta ao dualismo. Quanto à primeira possibilidade de interpretação, e fazendo balanço final, suspeito de que Descartes também queria dizer precisamente aquilo que escreveu”. Será lícito e compreensível entender que a lição de Descartes seria – foge da complexidade da vida e dos argumentos dos incultos, daqueles que desconhecem o significado do que dizem, presentes nas redes sociais no mundo contemporâneo, para viver em paz?

Rosa Maria de Andrade Nery, no prefácio do Livro de Eduardo de Oliveira

28 MCFADDEN, Johnjoe, op. cit., p. 301.

29 DAMÁSIO, Antônio, O Erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano, tradução Dora Vicente, Georgina Segurado, 3ª edição, São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2012, p. 219.

Leite³⁰, revelou a dramaticidade dos tempos atuais, ao dizer enfaticamente, “O processo é o retrato da vida. Um Calvário: subjugação, enfrentamento entre pessoas, maledicência, resistência, ideologias, mágoas, os escaninhos da alma humana, o terror do desvendamento da impureza da humanidade, fragilidade e tragicidade humana. É no calvário que se revela a humanidade do ser. É ali que se corre o risco de deixar do “ser” em vida”. Uma confirmada realidade da tragicidade do momento em que a sociedade vive. Retrato do lamentável quadro em que nos encontramos, oriundo do afastamento do ser humano e dos valores perenes e imutáveis da conduta moral e ética do homem. A pureza da vida do ser sintetizada na simplicidade, humildade, alteridade e tolerância, se encontra cada vez mais se distanciam da convivência harmônica e diária das pessoas. A sociedade virou o palco de disputas desenfreadas e sem limites, na obtenção da vantagem, do lucro sem limites, da ausência da tolerância e da não aceitação da diversidade”.

A Navalha de Ockham exerce uma importante função na proporção em que se torna necessária, para cortar os vícios que nos prendem ao confronto, na retomada da simplicidade da vida e, sobretudo, na conquista da nossa consciência, com o propósito de obter o melhor resultado através de ações enobrecedoras que são singelas. Os gestos dos simples não precisam de molduras. Eles se revelam através da nobreza do seu exercício, porque na singeleza reside a elegância e a essencialidade – invisível aos olhos - dos valores supremos do ser humano.

7. O SABER E A SABEDORIA DO CONHECIMENTO

Saber e sabedoria são palavras distintas que exprimem sentidos diversos. Saber identifica a capacidade do homem de conhecer a estrutura e a dinâmica dos múltiplos objetos e fatos que ocorrem no ambiente físico e psicológico. Sabedoria, identifica o procedimento mais prático e adequado frente àquilo que se conhece³¹. Na visão de Nicola Abbagnano³², “o mundo moderno dá preferência ao ideal prático da

30 LEITE, Eduardo de Oliveira, Direito e Literatura: A Verdade na ficção. William Shakespeare – O Mercador de Veneza. Jean-Claude Carrière – a Controvérsia. Franz Kafka – O Processo, Rio de Janeiro, Editora Lúmen Juris, 2022.

31 Nicola Abbagnano, em sua obra citada, na página 1021 descreve que, “Em Aristóteles encontra-se uma distinção nítida entre sabedoria e sapiência, que não se encontra em Platão. Este chama a sapiência (Sofia) a ciência que preside à ação virtuosa (Rep. IV, 443 e; cf. 428 bj), que corresponde à sabedoria. Diz que ela é “a mais elevada e, sem a menor dúvida”, “a mais bela, pois trata da organização política e doméstica, à qual se dá o nome de prudência e justiça”.

32 NICOLA, Abbagnano, op. cit., p. 1021.

sabedoria, que retorna em Descartes (Princ. Phil, pref.) e em Leibniz. Este último une, em sua definição, o aspecto técnico e prático. A sabedoria é o perfeito conhecimento de todos os princípios e de todas as ciências, bem como da arte de aplicá-los” (De la sagesse, Op., ed. Erdmann, p. 673)”. Certamente não é o *status* social que prescreve a real diferença entre as pessoas.

Na verdade, a sabedoria é o guia do homem em suas ações e atuações presentes em seu ambiente universal, destinada ao exercício da prática simples e objetiva daquilo que aprendeu e passou a conhecer. Para Schopenhauer é *a arte de levar a vida da maneira mais agradável e feliz possível*. Isto porque, o conhecimento habilita o ser humano captar através dos seus sentidos, a fenomenologia dos fatos presentes na universalidade do seu conhecimento. A sabedoria revela um conhecimento que corresponde à habilidade do ser humano, em ajustar-se aos fatos observados em proceder de forma racional, lógica e científica, com o propósito de ajustar ao mundo da diversidade de acontecimento à simplicidade da sua estrutura básica.

A capacidade de perceber identifica um processo de habilidade do homem, de captar o sentido e o significado de tudo que estimula sua percepção. Eduardo de Oliveira Leite³³ em sua obra ressalta esse *status* através da observação analítica do ser humano, quando ensina de forma magistral, “Assim como o espectador diante de um quadro visualiza o conjunto de elementos dispostos sobre a tela de modo a perceber a mensagem desejada pelo artista – volumes, luz e sombra, perspectiva, técnica retratista ou paisagista – de igual modo a abordagem inicial do texto literário revela apenas o exterior pretendido pelo escritor”. É apenas uma percepção exterior, sem o aprofundamento da obra apresentada. Todavia, essa percepção pouco revela ao espectador, mas, quando” conclui o autor na sequência, “porém, o mesmo espectador se aproxima e descobre os efeitos de sombra e luz, a disposição dos volumes, ou a perspectiva perseguida pelo artista, *a pintura se manifesta em toda a sua grandiosidade, capaz de nos maravilhar e de nos emocionar*”. Essa capacidade de perceber e captar as mensagens presentes na universalidade, constitui o ponto nevrálgico necessário para estabelecer as conexões necessárias às realidades físicas e metafísicas presentes no ambiente.

O desenvolvimento dessa capacidade de envolvimento emocional com as pessoas e coisas que estão ao nosso alcance, identifica a cultura do agente espectador, bem como, a sua capacidade de se deter no essencial e não se perder diante de estéreis discussões que apenas nos desviam das questões relevantes. Nesse quadro, parece-

33 LEITE, Eduardo de Oliveira, op. cit., apresentação.

nos mais adequado e econômico, em termos de tempo, debruçarmo-nos sobre o que verdadeiramente interessa na solução dos problemas, desprezando aqueles que não sejam essenciais e importantes na compreensão do que é captado. Leon Diniz³⁴ assinala que. “*O universo não se revela senão pouco a pouco, à medida que a capacidade de lhe compreender as leis se desenvolve e engrandece o indivíduo*”³⁵.

Nesse sentido, de um modo geral, nossas reflexões sobre os fatos existências envolvem complexas deduções, que nos remetem a um emaranhado de explicações e conclusões. A maioria delas nos causam maiores desarranjos mentais, bem como, descoordenação do nosso raciocínio racional e lógico. O ponto central de qualquer questionamento será a solução do problema e, não se debruçar sobre seus intrincados e múltiplos efeitos, que naturalmente existem e devem ser conhecidos e minimizados.

Nessa linha de ideias, Johnjoe MacFadden³⁶ diz que, “Ockham insistia que os universais não têm existência extramental, de modo que, para evitar misturar ideias e realidades, aconselhava, ***não multiplicar universais desnecessariamente***” (destaque do autor). O ser humano possui uma imensa capacidade cognoscível e, por consequência, um poder de converter o simples em complexo. Por que não equacionamos nossas diversas dificuldades dentro de soluções simples e adequadas, com o propósito de encontrar a solução mais rápida e menos desgastantes? Parece-nos que há um *modus procedendi* de que os mais cultos e inteligentes devem se debruçar em soluções mais complexas, que exigem esforços e conhecimento mais aprofundados. Então será lícito concluir que as soluções mais complexas dos problemas seria resultado do arcabouço mental-cognoscível dos mais cultos? E, por motivos assemelhados, Ockham foi abjurado e excomungado pela Igreja. Mário Vargas Llosa³⁷ nessa direção proclama, **“Que vivemos numa época de grandes representações que dificultam nossa compreensão do mundo real é algo que me parece uma verdade cristalina”** (destaque do autor).

34 DENIS, Leon, op. cit., p. 52.

35 Leon Denis, ainda em sua obra citada, na página 51, expõe acertadamente que, “Ocupemo-nos de alguma coisa mais prática, não percamos tempo em dissertações vãs, em discussões metafísicas. Pois bem! Em que pese àqueles que mantém essa linguagem, repetirei que é questão vital por excelência; responderei que o homem não se pode desinteressar dela, porque o homem é um ser. O homem vive, e importa-lhe saber qual é a fonte, qual é a causa, qual é a lei da vida. A opinião que tem sobre a causa, sobre a lei do Universo, essa opinião, quer ele queira ou não, quer saiba ou não, se reflete em seus atos, em toda a sua vida pública ou particular”.

36 MACFADDEN, Johnjoe, op. cit., p.59.

37 LLOSA, Mário Vargas, A Civilização do Espetáculo – Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura, tradução de Ivone Benedom, 1ª. Edição, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2013, p.72.

Mas, o que deve predominar sobre as pessoas, é a ciência da simplicidade. Mesmo porque, a soberba e o orgulho não são virtudes. São procedimentos que contribuem para a separação presente na sociedade contemporânea, que produzem como consequências os enormes desarranjos que estão ocorrendo no momento presente – guerras fratricidas, aumento extraordinário de armamentos destrutivos, atentados diversos e conflitos de toda ordem – um anúncio de um caos social.

A fraternidade e a solidariedade são princípios que solidificam relações divergentes. O esforço de muitos nessa direção terá como resultado a praticidade do primado da sociedade justa e solidária. Trata-se de um animo humanista dotado de imenso poder de alterar os rumos da sociedade destrutiva, que se deteve neste momento histórico da civilização humana. O saber prático utilizados pelos sábios, certamente contribui para soluções dotadas de conhecimento dos fatos que envolvem as decisões que tomamos no curso da existência. Por essa razão, no dizer de Richard Tarnas³⁸, “O princípio essencial e mais consequente do pensamento de Ockham foi sua negação da realidade das universalidades fora da mente e da linguagem humana”. E, de forma complementar Mário Vargas Llosa assinala que, *ninguém pode saber tudo de tudo*. Mas, deve saber o que é essencial e fundamental no processo hierárquico da cultura, onde predominam a moral e a ética, *que faz da vida algo digno de ser vivida*”.

O primado das lendas gregas e, na sequência, a linguagem inscrita nas sagradas escrituras, foram substituídas pela razão e pela logicidade da ciência. O homem libertou-se das algemas das ficções e retóricas inconsistentes. A sociedade moderna, liberta dos vícios e preconceitos do passado, que mantiveram as pessoas presas nas masmorras da ignorância e da vida de participação, aponta os caminhos da singeleza para o encontro com a verdade e na direção do processo da sua emancipação ampla e irrestrita. Johnjoe McFadden³⁹, ao se referir ao princípio do heliocentrismo adotada por Copérnico, ensina que ele destacou em seus estudos, “ao contrário, devemos, sim, atentar para a sabedoria da natureza. **Assim como ela evita produzir qualquer coisa supérflua ou inútil, frequentemente prefere dotar uma coisa só de muitos efeitos**” (destaque do autor).

O conteúdo da verdade prima pela simplicidade, mesmo diante da complexidade do universo - como tijolos que são destinados na construção dos grandes edifícios. A adoção da navalha de Ockham é o caminho para a solução das múltiplas e complexas

38 TARNAS, TARNAS, Richard, op. cit., p. 225.

39 MACFADDEN, Johnjoe, op, cit. p. 126.

questões que atormentam a sociedade contemporânea. Na narrativa de Nicola Abbagnano, "...a simplicidade revela um procedimento apto a tornar econômica a conceituação ou a teorização, ou seja, qualquer procedimento que reduza o número ou a complexidade dos conceitos empregados". Temos o hábito de converter no que é simples, na direção do que é complexo. Sem partir da singeleza para entender o mecanismo de todos os fenômenos que ocorrem na natureza, nunca chegaremos a resultados positivos, porque estaremos nos detendo nas discussões e debates supérfluos e estéreis, que desviam nosso estudo e reflexões para conhecer o significado real das coisas.

No dizer de Shakespeare, ***a brevidade é a alma da sagacidade*** (destaque do autor). O impacto dessa afirmativa, é suficiente para demonstrar o a importância e os reais resultados para, através dos caminhos simples, atingir resultados complexos. David Bohm⁴⁰, aponta que, "Minha sugestão é que uma visão de mundo apropriada, adequada para o seu tempo, geralmente é aquela dos fatores básicos essenciais para a harmonia no indivíduo e na sociedade como um todo". Nessa linha de pensamentos, podemos deduzir que a ordem no universo depende da aplicação de princípios simples, inalteráveis e contínuos. Apesar, da incomensurável complexidade presente no Cosmo, as leis que comandam as galáxias, sistemas solares e corpos, primam pela simplicidade. A sinfonia celeste, não obstante a diversidade de sons oriundos provenientes de instrumentos diversos, prima pela harmonia presente na melodia universal de cada instrumento⁴¹.

É necessário, particularmente na contemporaneidade, que o ser humano faça uma análise crítica da sua existência. E, nesse procedimento de auscultar-se pense no sentido da sua vida. Afinal, no dizer Viktor E. Frankl⁴², "Em última análise, viver não significa outra coisa senão arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida e cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento". Certamente que há algo além da nossa míope visão, que fazemos esforço para não ver, porque

40 BOHM, David, A Totalidade e a Ordem Implícada – Uma nova concepção da realidade, tradução Mauro de Campos Silva, São Paulo, Editora Cultrix, 1998, nota de introdução.

41 DENIS, Leon, em sua obra citada, p. 54 assinala que, "Acabamos de ver que as pesquisas da ciência demonstram a existência de leis universais. Todos os dias, essa ciência e adiante, não raro a contragosto é verdade; mas, enfim, avança pouco a pouco, **para a grande unidade que entrevemos no fundo das coisas**" (destaque do autor)".

42 FRANKL, Viktor E., Em Busca de Sentido, 34ª edição, traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline, São Leopold: Sinodal, Petrópolis, Editora Vozes, 2008, p. 102.

implicaria em mudanças comportamentais e cognitivas na forma de enxergar e viver.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

A navalha de Ockham é uma proposta revolucionária de mudanças radicais de conteúdo. No transato da história, especialmente a partir do término da civilização romana, parte substancial dessa história foi representado pela obstrução do pensamento do ser humano. Dogmas, preconceitos, ideologias, religião e desenvolvimento de culturas diversas, foram o tubo de ensaio onde se fermentou esses ativos componentes, que propiciaram a formação de uma estrutura política-social-econômica-religiosa extremamente complexas.

Perante essa ordem de acontecimentos, multiplicaram-se conceitos filosóficos e ideológicos frustos, de uma cultura entrelaçada por fragmentos complexos do pensamento do homem. Nesse transato histórico, as pessoas afastaram-se dos conceitos lineares para verticalizar suas atividades comportamentais no planeta Terra. A emoção e os sentimentos presentes nos seres racionais, tomou conta da sua existência e que lhe propiciaram a formação de sociedades complexas e autoritárias, que foram e continuam sendo a causa de conflitos.

Nesse longo período histórico, o homem construiu barreiras e afastou-se das pontes necessárias para estabelecer relações. Inúmeros segmentos religiosos e filosóficos complexos se multiplicaram de forma geométrica e sedimentaram a base das diferenças e do afastamento dos homens dos princípios da solidariedade e fraternidade.

Nesse ambiente predominante predatório, em razão dos inúmeros e diversos conflitos religiosos, políticos, filosóficos ideológicos e sociais, nasceu o herético frade franciscano, no século 13 que trouxe uma fórmula capaz de suprimir um *modus vivendi*, mais pacífico e solidário, ao propor o corte, através da sua fictícia navalha, dos fatos complexos, para torná-los mais singelos mediante a adoção do princípio da simplicidade. Sabemos que a existência humana é uma passagem pelo orbe terrestre mais rápida do que imaginamos. E, por consequência, não podemos perder tempo em discussões frívolas, estéreis, insípidas e complexas que nos conduzam a um verdadeiro esgotamento das nossas energias preciosas.

Nossas discussões e debates deveriam alicerçar-se nas questões relevantes, que nos propiciem resultados importantes e necessários à nossa emancipação cultural e intelectual. Então, converter o que é complexo em simples, é uma tarefa de consciência e maturidade diante das múltiplas dificuldades que a sociedade cada vez

mais complexa se apresenta na contemporaneidade. O homem que se liberta desses complexos conteúdos desnecessários e, que retardam seu processo de emancipação cultural descobre, posteriormente, o que seria desnecessário e que não foi excluído no processo seletivo do conhecimento mais valiosos.

A emancipação científica do homem, iniciada a partir da Navalha de Ockham, permitiu ao homem descobrir uma nova realidade presente no mundo da fenomenologia. O caminho simples para chegar a um resultado verdadeiro, foi uma magna conquista da inteligência do ser humano na direção do desvendamento dos iluminados conteúdos presentes na aparente complexidade dos fatos, que regem a sinfonia dos mundos físicos e psicológicos presentes no Cosmo.

A confiança de Copérnico voltada para a simplicidade dos movimentos dos astros do nosso sistema planetário, certamente foi o ponto importante para superar o misticismo do geocentrismo para a realidade científica do heliocentrismo. Na atualidade, os debates sobre o *terraplanismo*, que procuram justificar e demonstrar a realidade da ideia de que a Terra é plana, envolvem debates estéreis que resultam em perdas de tempo valiosos para o ser humano.

A ideia revolucionária de Guilherme de Ockham, especialmente no Século XIV, foi o alicerce para uma nova ordem cultural na sociedade humana. Guilherme, como diria Richard Tarnas, *definiu com firmeza os limites da razão humana*. A importância desses avanços do pensamento do homem representa um processo de libertação do dogma e do misticismo.

É inadmissível que diante do conhecimento científico presente no mundo moderno, o homem ainda seja refém de pensamento obscuros que retardam o processo evolutivo da sociedade humana. Um novo alvorecer se projeta para Humanidade que será capaz de libertar o homem na direção da exata compreensão da sua passagem pelo planeta. E, estabelecer o laço da relação da fraternidade com o seu próximo, rompido durante séculos, pela obscuridade do espírito humano, que colocou suas ideologias e religião não para unir a sociedade, mas para afastarmos uns dos outros – através de fórmulas complexas para justificar e destacar as diferenças entre os seres humanos. Nessa linha, repisando o pensamento de Richard Tarnas, Guilherme *lançou as bases embrionárias – epistemológicas, metafísicas, religiosas e políticas na direção de mudança na visão de mundo*.

O caminho foi indicado através da Navalha de Ockham, cabendo a cada um e a sociedade aplicá-lo no campo da realidade. Caso contrário, seremos obrigados afirmar, que o homem foi um projeto que não deu certo e, que merece ser repensado.

Será verdadeira essa realidade? Todavia, acredito que ninguém nasce pronto. Somente a existência humana, com as suas diversas provas e desafios, será capaz de construir o homem. A história humana é um testemunho vivo dessa realidade. Desde o *homo sapiens* até a nossa realidade atual, é uma demonstração irrefutável da modelação e da prosperidade do homem. A emancipação cultural, intelectual e científico da humanidade continua seu curso. Ainda há um longo e exaustivo caminho à frente, quando o homem se libertará definitivamente dos seus impulsos irracionais, para se tornar verdadeiramente senhor do seu destino humanizado.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO**, Nicola, Dicionário de Filosofia, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2007.
- BOHM**, David, A Totalidade e a Ordem Implicada – Uma nova concepção da realidade, tradução Mauro de Campos Silva, São Paulo, Editora Cultrix, 1998, nota de introdução.
- DENIS**, Leon, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, Rio de Janeiro, Livraria da Federação Espírita Brasileira, 2008.
- EUCKEN**, Rudolf, O Sentido e o Valor da Vida, tradução de João Tavora, Rio de Janeiro, Editora Delta, 1962
- FRANKL**, Viktor E., Em Busca de Sentido, 34ª edição, traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline, São Leopold: Sinodal, Petrópolis, Editora Vozes, 2008.
- FROMM**, Erich, Ter ou Ser? tradução de Nathanael C. Caixeiro, Rio de Janeiro, Editora LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1987.
- LEITE**, Eduardo de Oliveira, Direito e Literatura: A Verdade na ficção. William Shakespeare – O Mercador de Veneza. Jean-Claude Carrière – a Controvérsia. Franz Kafka – O Processo, Rio de Janeiro, Editora Lumen Juris, 2022.
- LLOSA**, Mário Vargas, A Civilização do Espetáculo – Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura, tradução de Ivone Benedom, 1ª. Edição, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2013.
- MACFADDEN**, Johnjoe, A Navalha de Ockham – o princípio Filosófico que libertou a ciência e ajudou a explicar o universo, Tradução de George Schlesinger, 1ª edição, Rio de Janeiro, 2022, nota introdutória.

MIRANDA, Pontes de, O Problema Fundamental do Conhecimento, Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 1937.

POPPER, Karl R., Em Busca de um Mundo Melhor, tradução de Milton Camargo Mota, São Paulo, Editora Martins, 2006

SCHWANITZ, Dietrich, Cultura Geral – o que se deve saber, São Paulo, Editor Martins Fontes, 2007.

TARNAS, Richard, A Epopeia do Pensamento Ocidental – para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo, tradução de Beatriz Sidou, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1999.

VANIER, Jean, Aristóteles para quem busca a Felicidade – A Resposta da filosofia para aquilo que todos nós buscamos, traduzido para o português por Sally Tileilli, São Paulo, Editora Gente.